

**RELAÇÃO DO ESTADO NUTRICIONAL E SATISFAÇÃO COM A IMAGEM CORPORAL ENTRE ESCOLARES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE SÃO PAULO**Vanessa Alves Vieira<sup>1</sup>**RESUMO**

A prevalência de obesidade entre os jovens no Brasil cresceu em 8,99% e com ela, a incidência de distúrbios relacionados à obesidade e imagem corporal que, dependendo do grau de insatisfação, pode afetar aspectos de comportamento alimentar, auto-estima e desempenhos psicossocial, físico e cognitivo. Diante disso, este trabalho tem o propósito de identificar o estado nutricional e relacioná-lo à percepção da imagem corporal de adolescentes da rede pública de ensino de São Paulo. Participaram do estudo 36 adolescentes (18 meninos e 18 meninas) que foram avaliados antropométricamente e classificado o IMC segundo a OMS (1995). Foram utilizados o EEICA e a escala de silhuetas de Kakeshita. Todos os resultados foram analisados segundo IMC e gênero. O questionário não apontou um alto grau de insatisfação (5,56%). Quanto a análise da escala de silhuetas, observamos superestimação de peso, 50% e 46,47% nos eutróficos e naqueles com IMC abaixo do esperado, respectivamente, principalmente no gênero masculino (61,12%), e subestimação dos adolescentes com sobrepeso e obesos, que demonstrou desejo de uma silhueta menor (100%). Dentre os gêneros, as meninas possuem uma visão mais próxima do real (44,44%), porém desejam uma silhueta menor (72,22%) e as considera a ideal (61,12%), enquanto os meninos consideram uma silhueta maior como a ideal (44,44%). Estudos demonstram distorções da percepção real para ambos os sexos, independente da classificação nutricional, demonstrando a importância de se trabalhar o tema desde a infância, evitando a discriminação, os conceitos equivocados e riscos de transtornos alimentares.

**Palavras-chave:** imagem corporal, escolares, obesidade, estado nutricional.

1-Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Gama Filho - Obesidade e Emagrecimento

**ABSTRACT**

Relation of nutritional status and satisfaction with body image among public school education network of São Paulo

The prevalence of obesity among young people in Brazil grew by 8.99% and with it the incidence of obesity-related disorders and body image that, depending on the degree of dissatisfaction, can affect aspects of eating behavior, self-esteem and psychosocial performance, physical and cognitive development. Therefore, this work aims to identify the nutritional status and relate it to the perception of body image of adolescents from public schools in São Paulo. The study included 36 adolescents (18 boys and 18 girls) who were evaluated anthropometric and classified BMI according to WHO (1995). We used the scale and EEICA Kakeshita silhouettes. All results were analyzed according to BMI and gender. The questionnaire did not indicate a high degree of dissatisfaction (5.56%). The analysis of the range of silhouettes, we observed overestimation of weight, 50% and 46.47% in the eutrophic and those with BMI lower than expected, respectively, mainly in males (61.12%), and underestimation of overweight adolescents and obese, which demonstrated a desire to lower figure (100%). Among genders, the girls have a closer view of the real (44.44%), however want a figure lower (72.22%) and consider the ideal (61.12%), while the boys consider a higher figure as the ideal (44.44%). Studies show real distortions of perception for both sexes, regardless of the nutritional classification, demonstrating the importance of working the subject since childhood, avoiding discrimination, misconceptions and risks of eating disorders.

**Key Words:** body image, school, obesity, nutritional status

E-mail:  
vanessa\_avieira@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência como o período compreendido entre dez e dezenove anos de idade. Nessa etapa, com as mudanças biológicas e maturação sexual, os adolescentes devem incorporar suas novas imagens corporais, capacidade reprodutiva, energia sexual emergente para sua identidade, bem como, aprender a enfrentar com sua própria reação e dos demais, a maturação corporal.

O crescimento e o desenvolvimento físico são fortemente influenciados pela interação de fatores genéticos e ambientais (Conti, Frutuoso, Gambardella, 2005; Secchi, Camargo, Bertoldo, 2009).

Embora o começo da puberdade aumente o desejo de ser mais magro, há evidências de que no período puberal as crianças também se preocupam com seus corpos e busquem perder peso.

O tipo físico está sujeito a associação com traços de personalidade, quando avaliado pelo outro; com satisfação e felicidade, quando avaliado pelo próprio indivíduo. Sentimentos de raiva, angústia e culpa estão associadas a preocupações com a saúde, visto que, tem sido amplamente divulgado, nas diversas modalidades da imprensa, o crescente aumento da obesidade entre a população em geral e, em especial, entre crianças e adolescentes e os riscos de se desenvolver doenças como hipertensão arterial, diabetes tipo II, além de problemas na coluna e articulações, problemas respiratórios, musculares, baixo auto-estima, dificuldade de relacionamento entre os pares e piora da qualidade de vida (Conti, Frutuoso, Gambardella, 2005; Carvalho e colaboradores, 2005).

No Brasil, a prevalência de obesidade entre os jovens aumentou em 8,9% no período de 1974-1997. Segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 (POF), a frequência de adolescentes com excesso de peso foi de 16,7% em 2002-2003, sendo o problema um pouco mais aparente em meninos (17,9%) do que em meninas (15,4%). Em ambos os sexos, a frequência do excesso de peso foi máxima entre adolescentes de 10-11 anos (cerca de 22%), diminuindo para 12%-15% no final da adolescência. Pouco mais de 2% dos adolescentes brasileiros

foram diagnosticados como obesos, sendo 1,8% os meninos obesos e 2,9% as meninas obesas (IBGE, 2003).

No âmbito da teoria cognitivo-social os comportamentos são determinados por fatores ambientais e pessoais, já no âmbito pessoal entram os mecanismos de autoregulação e dentre eles, tem um papel fundamental os mecanismos auto-avaliativos, como auto-estima e auto-conceito, referindo-se à avaliação que o indivíduo faz de si, em diferentes áreas de atuação e a apreciação em relação a si mesmo.

Esta auto avaliação permite ao indivíduo orientar-se quanto as ações futuras e têm um peso considerável sobre elas. Elas são construídas a partir de atributos que recebem valoração cultural positiva ou negativa que emergem de experiências em que habilidades são postas em jogo e também de contextos sociais que julgam os indivíduos como um todo (Carvalho e colaboradores, 2005).

A imagem corporal é uma percepção que integra os níveis físico, emocional e mental, (Secchi, Camargo, Bertoldo, 2009) e, segundo a literatura atual, é composta por dois componentes: a estima corporal, onde a criança refere o quanto gosta ou não de seu corpo, incluindo peso, forma do corpo, cabelos ou rostos; e insatisfação corporal, que focaliza claramente preocupações com o peso, forma do corpo e gordura corporal.

Dependendo do grau, essa insatisfação pode afetar aspectos da vida do indivíduo no que diz respeito ao seu comportamento alimentar, auto-estima e desempenhos psicossocial, físico e cognitivo (Triches, Giugliani, 2007).

Estudos demonstram que os principais fatores associados a insatisfação são menor auto-estima e percepção da criança de que havia a expectativa por parte dos pais e dos amigos para que ela fosse mais magra, principalmente entre crianças e jovens com maior índice de massa corporal (IMC) e que pode ser fruto de mudanças no peso durante a infância (Triches, Giugliani, 2007).

No contexto do estudo da obesidade pode-se pensar em entender como o indivíduo obeso se auto avalia e qual o papel da auto avaliação na busca por tratamento e na sua adesão (Carvalho e colaboradores, 2005).

Com o aumento da incidência dos distúrbios relacionados à obesidade e aos

padrões inadequados de conduta alimentar em idades cada vez mais tenras, cresce também a preocupação em investigar as variáveis associadas, os fatores desencadeantes e as possibilidades de intervenção preventiva em relação a esses distúrbios ainda na infância (Kakeshita e colaboradores, 2009).

Kakeshita (2008) destaca a necessidade de pesquisas que possam delinear os fatores ambientais implicados na etiologia da obesidade infantil, visto que a prevalência desta patologia e seu impacto na vida adulta têm sido considerados uma tendência secular.

A obesidade infantil tem levado à depreciação da própria imagem física, gerando insegurança em relação ao grupo social, pois o peso torna-se um agravante na interação social, sendo motivo de discriminação, levando a possíveis diagnósticos de depressão, ansiedade e déficits de competência social, além da observação relacionada à aceitação, auto-estima e a valorização do próprio corpo.

A insatisfação do corpo tem sido frequentemente associada à discrepância entre a percepção e o desejo relativo a um tamanho e a uma forma corporal (Almeida citado por Bosi e colaboradores, 2006).

Para fazer este tipo de avaliação, comumente são utilizados questionários e escalas devido a facilidade de aplicação, possibilidade de participação de grandes amostras e, se necessário, aplicação de outros instrumentos.

A Escala de Evaluación de Insatisfacción Corporal para Adolescentes (EEICA) é um questionário que avalia a insatisfação corporal e, traduzida e adaptada para o português, apresentou consistência interna e confirmou as validades discriminante e concorrente e a reprodutibilidade para todos os subgrupos, considerado um instrumento recomendado para avaliação do aspecto atitudinal da imagem corporal para adolescentes de 10 a 17 anos (Conti, Slater, 2009).

No Brasil, temos a validação da Escala de Silhuetas (Kakeshita, 2008) que é adaptada ao biótipo brasileiro e considera as diferenças de etnia, gênero, faixa etária, além de aspectos culturais e sócio-demográficos na percepção da imagem corporal (Kakeshita, 2008).

As escalas de silhueta possuem inúmeras vantagens: constituem instrumento simples, de fácil aplicação e não exigem equipamentos sofisticados (Kakeshita e colaboradores, 2009).

Diante do exposto, pretende-se com este estudo, identificar o estado nutricional e relacioná-lo à percepção da imagem corporal de estudantes matriculados na rede pública de ensino da cidade de São Paulo, utilizando métodos avaliativos validados para a população brasileira e faixa participante.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Foi selecionada uma amostra composta por 79 adolescentes com idade entre 10 e 17 anos ( $M12\pm1,46$ ), sendo 37 adolescentes pertencentes ao sexo feminino e 42 adolescentes pertencentes ao sexo masculino. A média de altura encontrada foi de  $1,56\pm1,65$  e foram selecionados 34 adolescentes eutróficos (grupo I), com média de peso de  $55\text{kg}\pm6,35$ , 21 adolescentes que apresentavam sobrepeso e obesidade (grupo II), com média de peso de  $69\text{kg}\pm9,25$  e 25 adolescentes que apresentavam IMC abaixo de 16 (grupo III), com média de peso de  $33\text{kg}\pm3,14$ .

Os adolescentes participantes da pesquisa são matriculados em uma escola estadual da cidade de São Paulo, na região central, Diretoria Regional de Ensino Centro. Verificou-se o peso corporal através de balança digital portátil, marca Plena, modelo 2.1, com capacidade de 150kg e graduação a cada 100 gramas. Os adolescentes foram pesados, trajando roupas leves e descalços, de costas para a balança.

Logo após foi aferida a altura com uma fita inelástica de 2m, graduada em cm, marca Sanny, afixada na parede lisa, sem rodapé, com ângulo de 90° em relação ao piso. Os alunos encontravam-se no centro do mesmo, com corpo ereto, os maléolos internos se tocando, os calcanhares encostados na parede e descalços.

A cabeça estava livre de adornos ou penteados e mantinha-se erguida com olhos mirando a um plano horizontal à frente. Para auxiliar a leitura, um esquadro era baixado e apoiado contra a cabeça.

Para avaliação do estado nutricional dos adolescentes, utilizou-se o cálculo de índice de massa corpórea (IMC) onde o peso

em quilogramas (kg) foi dividido pelo quadrado da altura, medida em metros ( $\text{kg}/\text{m}^2$ ).

A classificação dos adolescentes quanto aos valores de IMC seguiu os parâmetros da OMS (1995) e foi calculada em uma planilha Excell 97.

Os dados de índice de insatisfação corporal foram obtidos através da aplicação da EEICA - Escala de Evaluación de Insatisfación Corporal para Adolescentes (Guillén Grima, Garrido Landívar e Baile Ayensa, 2003), traduzido, adaptado e validado para a língua portuguesa (Conti, Slater e Latorre, 2009) que foi respondido pelos estudantes que participaram da avaliação nutricional, no qual constam 32 perguntas fechadas, as quais são atribuídas pontuação de 0 a 3 pontos, de acordo com o teor da pergunta, e o escore é calculado pela soma das respostas e varia de 0 a 96 pontos. Quanto maior a pontuação, maior a insatisfação corporal do jovem.

Para tabulação do questionário, foi adotada uma porcentagem para definir o grau de insatisfação corporal baseado na pontuação alcançada, sendo que foi considerado um baixo grau de insatisfação corporal aqueles questionários que pontuaram até 25%, médio grau de insatisfação corporal a pontuação entre 26 e 50%, alto grau de insatisfação a pontuação entre 51 e 75% e um grau muito alto de insatisfação acima de 76%.

Em seguida, foi apresentada aos adolescentes, a escala de silhuetas (Kakeshita, 2008) adaptada aos padrões brasileiros e que correspondiam ao próprio gênero, composta de onze figuras de cada

gênero com IMC médio determinado, assim como sua variação entre mínimo e máximo, disposto em ordem aleatória, ao qual foram realizadas três perguntas: “Qual figura representa seu corpo atua?”, “Qual figura representa o corpo que você gostaria de ter?” e “Qual figura representa o corpo ideal?”.

Todos os elementos da amostra participaram livre e espontaneamente após assinar o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE conforme resolução 196/96 Ministério da Saúde.

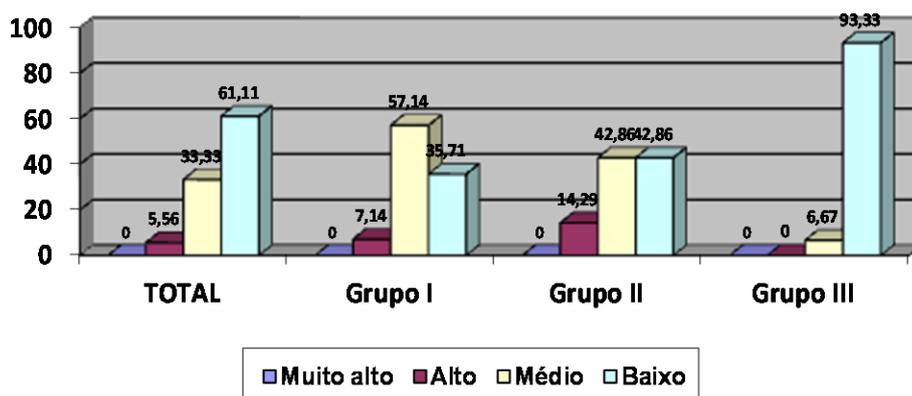
Foram excluídos do estudo os alunos que não apresentaram o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE assinado pelo responsável e/ou estava ausente no dia da aplicação do questionário e apresentação da escala de silhuetas.

## RESULTADOS

A amostra participante considerando os critérios de exclusão foi composta de 36 estudantes, sendo 14 eutróficos (grupo I), 7 apresentando sobrepeso ou obesidade (grupo II) e 15 apresentando IMC abaixo de 16 (grupo III).

Dentre essa população, após análise das respostas do questionário, foi possível verificar que 61,11% dos estudantes apresentam um baixo grau de insatisfação corporal, refletido, principalmente pelos estudantes do grupo III, onde, entre eles, 93,33% apresentou baixo grau de insatisfação.

**Figura 1. Grau de insatisfação Corporal em porcentagem mensurado através de questionário aplicado aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo. 2011.**

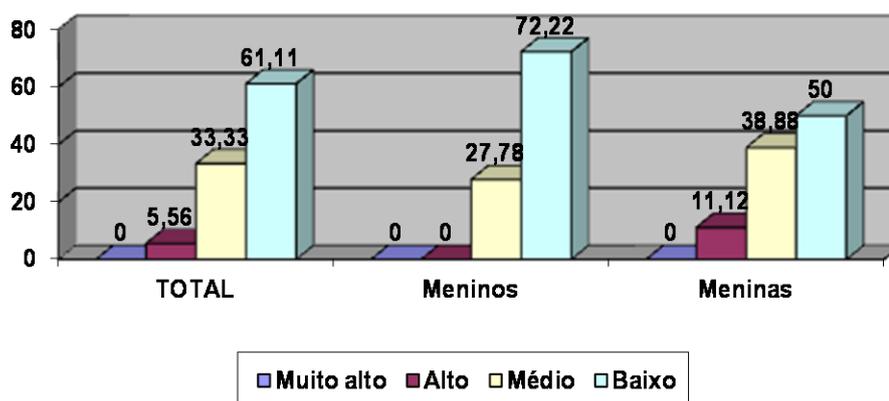


Dentre o grupo II, 57,15% apresentou um grau de insatisfação corporal de médio a alto. Dentre o grupo I, apresentou-se uma prevalência maior de médio grau de insatisfação corporal (57,14%). (Fig.1).

Ao analisar de acordo com o gênero, observamos que o grau de insatisfação

corporal é maior entre as meninas em comparação aos meninos, onde 50% das meninas obtiveram pontuação de médio a alto grau de insatisfação enquanto 72,22% dos meninos apresentaram pontuação de baixo grau de insatisfação. (Fig.2).

**Figura 2. Grau de insatisfação Corporal em porcentagem, dividido por gênero, mensurado através de questionário aplicado aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo, 2011.**



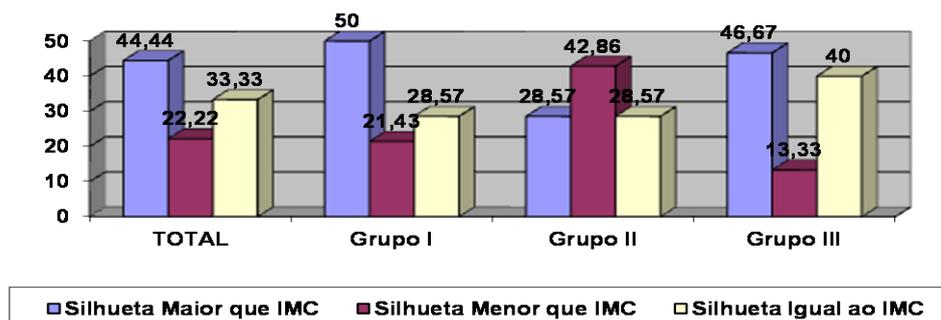
As silhuetas da escala de Kakeshita (2008) foram dispostas em uma bancada, de forma aleatória e codificada, separada por gênero, para que os estudantes, individualmente, pudessem responder aos três questionamentos realizados.

Ao perguntar qual figura correspondia a imagem atual, pudemos verificar que, no geral, os estudantes têm uma percepção distorcida, podendo tender a maximizar ou minimizar a idéia de silhueta.

Foi identificado que o grupo I tendenciou uma imagem corporal maior do que a real, onde 50% apontou figuras que correspondiam a um IMC maior que o real, enquanto que 42,86% dos estudantes do grupo II se identificaram com silhuetas que correspondiam IMC menores do que o real.

O grupo III apresentou um equilíbrio entre aqueles que sinalizavam as silhuetas correspondentes ao mesmo IMC ou IMC maior que o real, respectivamente, 40% e 46,67% (fig.3).

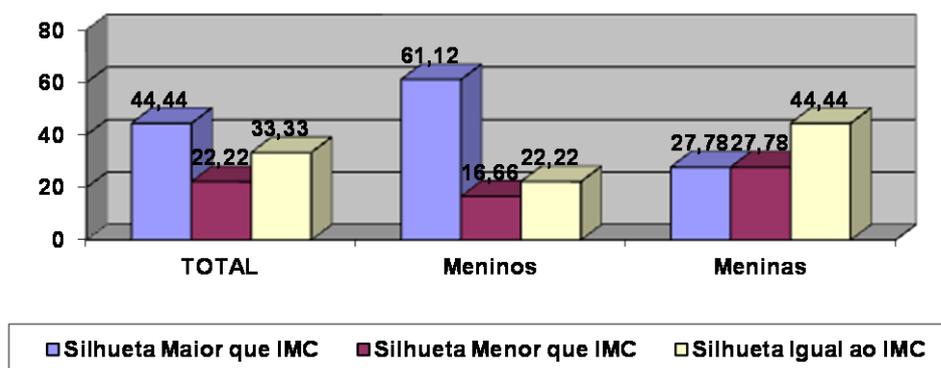
**Figura 3. Resultado em porcentagem da percepção corporal através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo, 2011.**



Ao analisarmos separadamente, segundo o gênero, observamos que os meninos tendem a maximizar a percepção de silhueta (61,12%), enquanto as meninas

possuem uma percepção mais próxima a realidade, indicando as figuras correspondentes ao IMC próximo ao real de cada uma (44,44%).(fig.4)

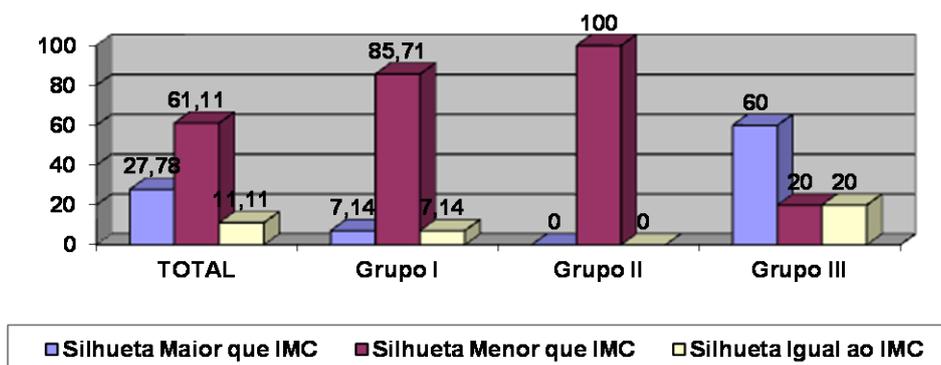
**Figura 4. Resultado em porcentagem da percepção corporal, dividido por gênero, através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de são paulo. 2011.**



A segunda pergunta realizada aos alunos foi referente a qual silhueta desejariam de ter, dentre as figuras dispostas na bancada. 61,11% indicaram as figuras que correspondiam as silhuetas menores que o real, tendo maior prevalência nos grupos I e II, onde observou-se dentre eles os percentuais de 85,71% e 100%, respectivamente.

O grupo III demonstrou um desejo de possuir uma silhueta maior do que a real, (60%), tendo em vista que esse público também sofre preconceitos em relação a valores inversamente proporcionais aos obesos (fig.5).

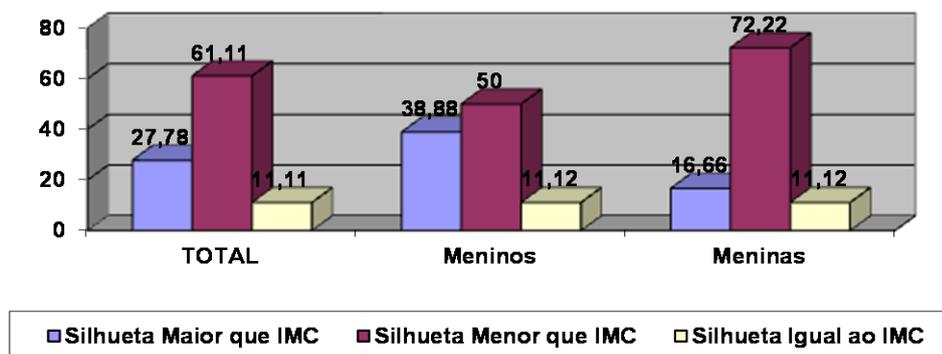
**Figura 5. Resultado em porcentagem da imagem corporal desejada através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de são paulo. 2011.**



Quando realizamos a análise segundo o gênero, observamos que tanto os meninos (50%) quanto as meninas (72,22%) relatam o desejo de ter silhuetas menores do que as

reais. Porém, há um número expressivo de meninos que relatam desejar silhuetas maiores do que as que possuem (38,88%) (fig.6).

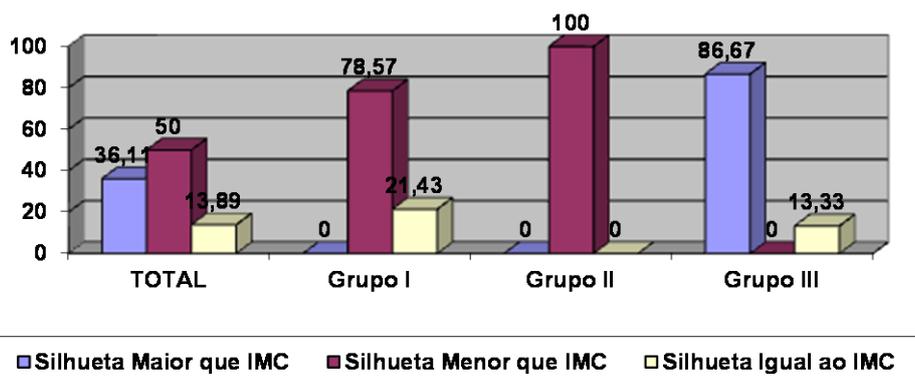
**Figura 6. Resultado em porcentagem da imagem corporal desejada, dividido por gênero, através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo. 2011.**



A terceira pergunta realizada aos alunos foi referente a qual silhueta os eles julgavam ser a ideal, dentre as figuras dispostas na bancada. 50% da população indicou figuras com silhuetas relativas a IMC menores do que os apresentados por cada um, com maior prevalência, novamente, entre os Grupos I e II.

Dentre o grupo I, 78,57% e dentre o grupo II, 100% dos adolescentes indicaram que a silhueta ideal seria com um IMC abaixo do apresentado por cada um. Já no Grupo III, 86,67% dos alunos indicaram silhuetas com IMC maiores do que os valores apresentados por eles. Isso indica que a população estudada não reconhece a própria silhueta como sendo a forma corporal ideal.

**Figura 7. Resultado em porcentagem da imagem corporal mencionada como ideal, através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo. 2011.**



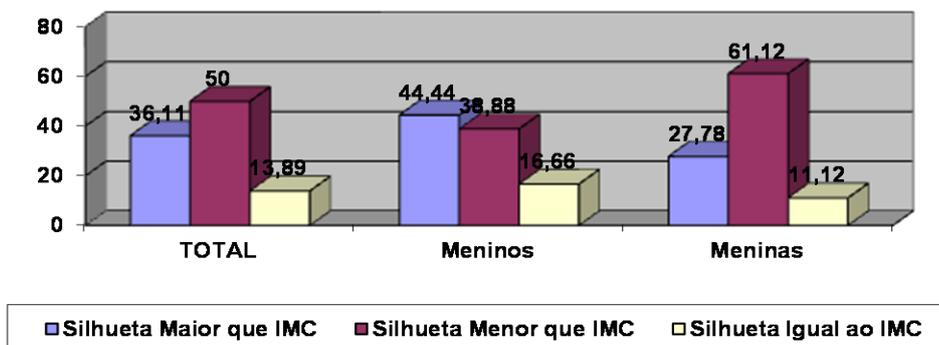
Ao analisarmos essa questão, segundo o gênero, observamos que os

meninos (44,44%) indicam as figuras referentes à silhuetas de maior massa

corpórea, seguido daqueles que indicam uma silhueta inferior ao IMC apresentado (38,88%); enquanto as meninas (61,12%) indicam, na

sua maioria, as figuras referentes a massa corpórea inferior a de cada uma. (fig.8).

**Figura 8. Resultado em porcentagem da imagem corporal mencionada como ideal, através da escala de silhuetas apresentadas aos alunos de 10 a 17 anos da rede pública estadual de ensino da cidade de São Paulo, 2011.**



## DISCUSSÃO

Os achados referentes à insatisfação corporal identificada através do questionário de avaliação atitudinal (EEICA) mostraram que existe uma insatisfação mediana com a imagem corporal dos adolescentes avaliados, divididos entre os grupos de indivíduos eutróficos e sobrepeso ou obesidade, o que corrobora outros resultados da literatura, como os de Secchi, Camargo e Bertoldo (2009), que demonstraram que quanto maior o IMC, menor a satisfação com o próprio corpo entre grupos com o IMC abaixo do normal e acima do normal. E, ainda um estudo de Skemp-Arlt e colaboradores (2006) citado por Kakeshita e colaboradores (2009) onde encontraram 50,6% de 261 crianças pré-adolescentes estudadas insatisfeitas com o tamanho de seu corpo atual e 41,8% desejavam ser mais esbeltas.

Dentre a insatisfação corporal encontrada, as meninas apresentam um índice maior do que os meninos. Registros científicos apontam que a insatisfação corporal para o gênero feminino é expressada de forma mais acentuada quando comparada ao masculino.

Pesquisando a aceitação do tamanho corporal de adolescentes, verificaram maior insatisfação entre meninas do que meninos, sendo 46% dos obesos insatisfeitos com o tamanho corporal (Conti, Frutuoso e Gambardella, 2005).

Ao apresentar a escala de silhuetas aos escolares, percebe-se a dificuldade em analisar a figura referente ao próprio corpo. Alguns alunos demonstraram vergonha de apontar para o desenho que achavam corresponder ao próprio corpo. Ao indicar a figura, nota-se a aparente tendência de superestimar ou subestimar o peso corporal. Grande parte dos participantes apontou para silhuetas maiores que a imagem corporal real.

Destes, destacamos os grupos dos adolescentes eutróficos e que estavam com o IMC abaixo do esperado. O grupo que apresentava sobrepeso e obesidade apontou, em sua maioria, para as silhuetas menores que as reais.

Confrontando esses resultados com a literatura, Triches e Giugliani (2007) expuseram que as crianças mais insatisfeitas são as que estão com risco para obesidade, obesidade e abaixo do peso, mas mesmo entre as crianças consideradas eutróficas, demonstrou-se um percentual de 58,2% insatisfeita com seu peso. Comparações deste estudo com outro realizado em Porto Alegre, que encontrou 82% de insatisfação corporal em escolares de 8 a 11 anos, demonstra que a prevalência de insatisfação corporal é maior em grandes centros urbanos.

Chama atenção que a insatisfação com o corpo não é somente por parte das crianças que estão com sobrepeso, obesidade ou baixo peso, mas também da maioria (58%) das crianças consideradas eutróficas. O

estado nutricional mostrou-se o fator mais fortemente associado com a insatisfação corporal.

Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) demonstram que quanto maior o IMC, menor a satisfação com o próprio corpo entre grupos com o IMC abaixo do normal e acima do normal.

Analisando a percepção corporal por gênero, é evidente a prevalência dos meninos quanto a distorção da imagem corporal superestimada. As meninas se aproximaram mais da silhueta real. Ao questionar o desejo de uma imagem corporal, a prevalência de opiniões aponta que os estudantes gostariam de ter um corpo menor ou mais magro, destacando o grupo que apresentou sobrepeso e obesidade e os adolescentes eutróficos, em especial, as meninas.

Os resultados dessa investigação vão ainda ao encontro dos achados de outro estudo, desenvolvido por Triches e Giugliani (2007), onde encontraram 63,9% de insatisfação corporal para a população estudada, em ambos os sexos, prevalecendo nas meninas o desejo de um corpo menor ou mais magro, enquanto que nos meninos a prevalência estava no desejo de serem maiores. Porém, é possível identificar a insatisfação corporal também em crianças com peso adequado, fazendo com que haja preocupações excessivas com o peso já em idade muito precoce.

Ainda, em estudo feito por Branco, Hilário e Cintra (2006) onde concluíram que, das 348 adolescentes em eutrofia que participaram de um estudo, 43,6% se identificaram com algum excesso de peso, e das 42 que apresentaram sobrepeso, 47,6% se acharam obesas. Para os meninos, verificou-se que, dos 443 eutróficos, 19,2% se acharam sobrepeso, dos 95 sobrepeso, 26,3% se consideraram eutróficos, dos 35 em obesidade, 42,8% se identificam como sobrepeso. Esses resultados demonstram que, independente da silhueta real, os adolescentes tendem a visualizar uma imagem distorcida.

O conceito de corpo ideal é bastante subjetivo nesta faixa etária e pode ser extremamente influenciado pela mídia e sociedade, conforme análise dos resultados das figuras 7 e 8, as quais demonstram que os adolescentes não reconhecem a própria silhueta com uma forma corporal ideal, sendo

que os alunos eutróficos, sobrepeso e obesos indicaram silhuetas menores, enquanto que os alunos com IMC abaixo do esperado indicaram silhuetas maiores. Dentre os gêneros, as meninas possuem a tendência a reconhecer as silhuetas menores como as ideais. Os meninos ficaram divididos entre as silhuetas menores e maiores que as reais.

Entretanto, nenhum grupo teve uma alta porcentagem em apontar a silhueta semelhante à sua como sendo a ideal. Este achado pode ser confirmado pela pesquisa de Santos, Obata e Calegari (2008) com 39 estudantes de 14 a 17 anos, onde apenas 15,4% apresentaram sobrepeso e obesidade, entretanto foi encontrada a associação do grau de satisfação da imagem corporal em relação ao peso, concluindo que as alunas, estavam insatisfeitas com seu peso, com desejo de serem mais magras, visto que 52,8% gostariam de estar baixo-peso e 46,2% gostariam de estar eutróficas. Triches e Giugliani (2007) encontraram em estudo que, entre as meninas eutróficas, 41,2% gostariam de ter a silhueta menor, praticamente o dobro dos meninos (21%). Por outro lado, os meninos com peso adequado desejam corpos maiores (32,2%), se comparados com as meninas (21,5%).

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho demonstrou que, ao considerar a relação entre o estado nutricional e a percepção da imagem corporal, para ambos os sexos, há distorções da percepção real de sua condição, sendo que, na maioria das vezes, para as meninas há superestimação e nos meninos, subestimação, sem diferença de idade, corroborando a literatura, assim como a idéia de que o público mais insatisfeito são os indivíduos que apresentam percepção de sobrepeso e obesidade, entretanto, que nem sempre se enquadram nessa condição.

A grande preocupação é constatar que, mesmo dentro dos limites da normalidade, os adolescentes demonstram algum tipo de insatisfação. Esse é um assunto que deve ser trabalhado desde a infância, para que a criança não cresça tendo conceitos errados como os que devem ser seguidos, evitando a discriminação entre os indivíduos da mesma idade e possíveis transtornos

alimentares decorrentes de falta de informação ou conceitos equivocados.

## REFERÊNCIAS

1- Branco, L. M.; Hilário, M. O. E.; Cintra, I. P. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. Rev. Psiq. Clín. São Paulo. Vol 33, Núm. 6, 2006. 292-296.

2- Bosi, M.L.M.; Luiz, R.R.; Morgado, C.M.C.; Costa, M.L.S.; Carvalho, R.J. Auto percepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. Rio de Janeiro. Vol. 55. Núm. 2, 2006. 108-113.

3- Carvalho, A. M. P.; Cataneo, C.; Galindo, E. M. C.; Malfará, C. T. Auto conceito e imagem corporal em crianças obesas. Paidéia. Ribeirão Preto. Vol. 15. Núm.30, 2005. 131-139.

4- Conti, M. A.; Frutuoso, M. F. P.; Gambardella, A. M. D. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. Revista de Nutrição. Campinas. Vol.18, Núm.4. 2005. 491-497.

5- Conti, M. A.; Slater, B.; Latorre, M. do R. D. de O. Validação e reprodutibilidade da Escala de avaliação de Insatisfação Corporal para Adolescentes. Revista Saúde Pública. São Paulo. Vol. 43. Núm. 3, 2009. 515-524.

6- IBGE: pesquisa de Orçamentos Familiares POF 2002-2003 – Antropometria e análise do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acessado em 09/07/2010.

7- Kakeshita, I. S. Adaptação e validação de Escalas de Silhuetas para crianças e adultos brasileiros. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão preto. Departamento de pós-graduação em psicobiologia. Universidade de São Paulo. Ribeirão preto. 2008.

8- Kakeshita, I. S.; Silva, A. I. P.; Zanatta, D. P.; Almeida, S.S. Construção e fidedignidade teste-reteste de escala de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. Psicologia: Teoria e

Pesquisa. Ribeirão Preto. Vol. 25. Núm.2, 2009. 263-270.

9- Santos, A. A.; Obata, D.; Calegari, F. Verificar distúrbios da imagem corporal em relação ao índice de massa corporal de adolescentes, do gênero feminino, matriculadas em escolas particulares de Mogi das Cruzes - SP. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol.2, Núm.10. 2008. 351-361.

10- Secchi, K.; Camargo, B. V.; Bertoldo, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília. Vol.25 Núm. 2. 2009. 229-236.

11- Triches, R. M.; Giugliani, R. R. J.; Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. Revista de Nutrição. Campinas. Vol. 20, Núm. 2. 2007. 119-128.

Endereço para correspondência:  
 Rua Paulino de Brito, 811 casa 01  
 Jardim Brasil - São Paulo  
 CEP 02223-010

Recebido para publicação em 08/04/2011  
 Aceito em 15/04/2011